

Modalidade () comunicação oral/sinais (x) pôster.

Eixo temático: Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais.

ELEMENTOS DE DESIGN EDITORIAL NA TRADUÇÃO DIDÁTICA PORTUGUÊS/LIBRAS

Renata Krusser
IFSC / UFSC

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar soluções de design para uma tradução didática de Português para Libras. O trabalho buscou referências no estudo da tipografia e buscou compreender as transformações que ocorrem na leitura quando é feita a tradução de um material impresso para uma linguagem de vídeo. O texto traduzido foi utilizado na disciplina Didática da Construção de Materiais Didáticos: Filmagem e Edição ministrada no IFSC do campus Palhoça Bilíngue. O material desenvolvido incluiu ilustração, animações e inserção de vídeos para tornar a aprendizagem visual mais eficiente. A avaliação foi feita ao longo do processo junto aos alunos surdos e o design foi sendo adaptado. As soluções gráficas foram aprovadas e algumas ferramentas para facilitar a leitura foram sugeridas para desenvolvimento futuro. Participaram do desenvolvimento do projeto a Tradutora e Intérprete Soelge Mendes e os bolsistas Rafaela Coelho e Lucas Pereira.

Introdução

O design, além de dispor convenientemente as informações no desenvolvimento de materiais didáticos, pode contribuir para objetivos educacionais. Pode, por exemplo, utilizar ícones para organizar os conteúdos e orientar a leitura, utilizar recursos gráficos para destacar informações e conduzir o olhar do receptor, utilizar recursos de infografia para favorecer a compreensão de fenômenos complexos de forma mais visual e menos descritiva. Fotografias, ilustrações e animações também podem ser planejadas para exemplificar ou ilustrar conteúdos e contribuir para favorecer a memorização, provocar a curiosidade ou promover reflexão. Além disso, um trabalho de identidade visual adequado pode promover a sensação de pertencimento e familiaridade, importantes em um ambiente interativo. Para compreender melhor as necessidades e preferências dos alunos surdos no processo de aprendizagem elaborou-se um projeto de material didático para um conteúdo da disciplina Didática da

Construção de Materiais Didáticos: Filmagem e Edição ministrada no IFSC do campus Palhoça Bilíngue. O estudo investiga algumas ferramentas visuais para a tradução Português/Libras que possam contribuir para o estudo de alunos surdos. Relata o desenvolvimento do projeto de design avaliando a usabilidade de elementos gráficos (tipografia, janela de tradução, animações, infográficos, imagens e vídeos) quanto à satisfação dos usuários no que se refere ao ritmo de leitura e quanto a contribuir ou não para a compreensão do texto.

Método

O estudo de design seguiu uma metodologia de projeto que inclui: levantamento de dados, conceituação, definições projetuais, geração de alternativas e produção do *layout* de um objeto de aprendizagem. A avaliação do trabalho foi baseada em critérios ergonômicos e envolveu o usuário em todas as etapas de desenvolvimento do projeto. Foram utilizadas entrevistas e observação direta analisando a satisfação e a eficiência, ou seja, se o conteúdo foi compreendido.

Resultado

O projeto, que resultou na elaboração de um objeto de aprendizagem e na indicação de ferramentas de programação para serem desenvolvidas futuramente, seguiu as seguintes etapas:

1. Levantamento de dados: Buscou-se conhecer um pouco sobre a língua e a cultura surda e especialmente o grupo de alunos da disciplina, como uma referência para o tipo de público do curso. Também foram feitas discussões semanais com o grupo de professores sobre a concepção pedagógica adotada no curso e sobre o conceito de bilingüismo adotado.
2. Conceituação: Na conceituação definem-se as ideias e sensações que o objeto deverá transmitir. É uma etapa fundamental para avaliação do projeto pois a alternativa de design selecionada precisa transmitir exatamente os conceitos aí definidos. O Instituto Federal de Santa Catarina oferece um manual de Identidade Visual que foi adotado como referência para o projeto gráfico, no entanto as características do público específico do campus Palhoça bilíngüe não são aí representadas. Buscamos manter a identidade visual do instituto, mas inserir um diferencial que caracterize o projeto do campus bilíngüe e valorize a língua e a cultura surda.

3. Definições projetuais: O projeto teve como foco uma tradução funcionalista visando promover a “leitura” e facilitar a aprendizagem dos alunos surdos. O texto em Libras foi incrementado com imagens das aulas, animações e vídeos.

4. Geração de alternativas: Foi feita uma revisão do material, buscando adequar e complementar o texto com imagens para favorecer uma aprendizagem a partir do visual. Depois de alguns esboços selecionamos uma estrutura básica com uma janela de tradução do lado esquerdo da tela. Nos esboços iniciais procuramos manter as cores institucionais, explorando diferentes tons de verde, branco, preto e vermelho apenas na marca. Experimentamos utilizar uma roupa de cor discreta para a intérprete, de acordo com recomendações para janelas de interpretação, que buscam garantir a menor interferência possível no conteúdo sinalizado. O fundo branco do layout inicial não proporcionou contraste suficiente e ao longo do processo de criação optamos por criar um diferencial mais marcante para valorizar a expressão da intérprete e destacar a língua de sinais. Optamos por utilizar, neste objeto, um vestido vermelho. Como este é um momento de construção de um campus (Campus Palhoça Bilíngue, que está em construção) e de um curso que precisa marcar sua vocação, consideramos que seria uma estratégia interessante a janela de interpretação abandonar o cantinho e ganhar a máxima visibilidade. Também o vestido vermelho estabeleceu uma relação com o ponto vermelho da marca.



Figuras 1 e 2: Layouts do objeto de aprendizagem.

5. Produção do *layout*: A configuração das páginas, o ritmo de inserção dos elementos gráficos que acompanham a janela de tradução em Libras e a integração desses elementos com os sinais foram estudados e avaliados por alunos surdos. O recorte do fundo (*croma key*) na janela de tradução permitiu que animações, imagens e vídeos ocupassem o fundo da janela de tradução em alguns momentos, especialmente quando os movimentos da intérprete estavam relacionados com o movimento do fundo, mas na maioria das vezes os surdos consideraram mais adequado que as imagens estivessem lado a lado à janela de tradução.

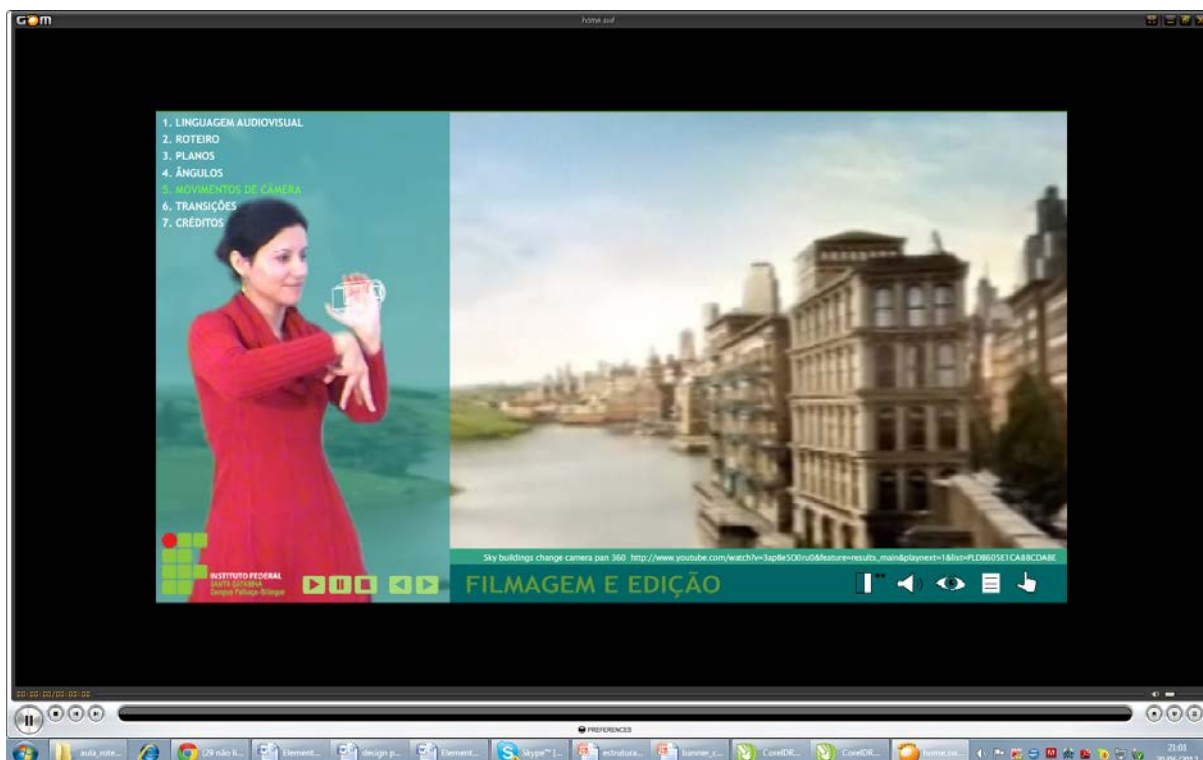


Figura 1: Página do layout selecionado para objeto de aprendizagem.

Os recursos para manipulação de vídeo, com possibilidade de inserir comentários, ferramentas para adaptação da velocidade de reprodução, possibilidade de fazer marcas e retornar facilmente nesses pontos foram indicados para melhorias no objeto de aprendizagem. As animações se mostraram recurso potente para facilitar as definições de alguns conceitos, mas exigem modelagem 3D se tiverem que contracenar com os movimentos da intérprete.

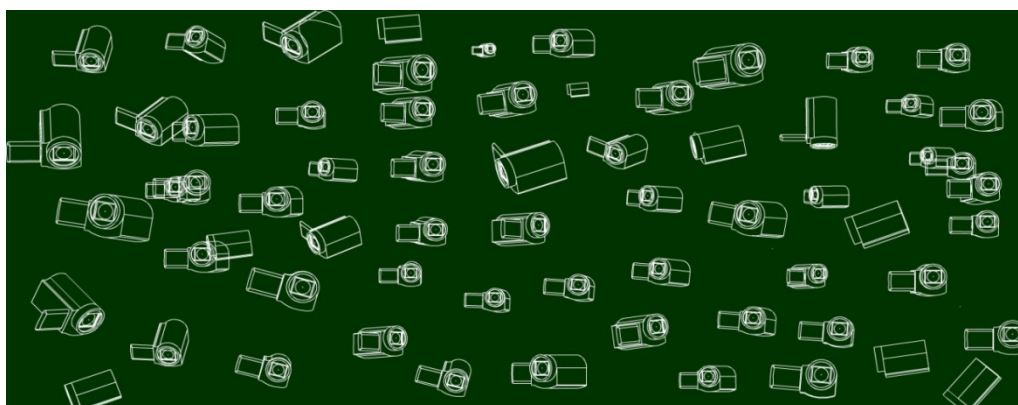


Figura 2: Modelagem 3D da câmera para animação.

Outro aspecto importante identificado é a necessidade de acesso a glossários e dicionários que permitam buscas rápidas a partir dos sinais em Libras.

Discussão

Quando a tradução envolve dois suportes diferentes para o texto: a escrita e o vídeo, essas formas inevitavelmente influenciam a leitura e, acreditamos, interfere na significação.

Os dispositivos que a lingüística tradicional e literária tradicional tende a desconsiderar (como espaçamento, estrutura, pontuação, tipo, estilo e layout) desempenham uma função potencialmente “transformadora” na articulação do sentido. Reformatar um ensaio visual complexo é quase que certamente mudar o que ele “diz” em algum aspecto. Poynor in Lupton; Miller (2011, pg. x)

A composição de páginas para leitura de textos impressos tem estudos de longa tradição. A definição do tamanho e formato das páginas cria um ritmo, que pode ser mais ou menos monótono. Esse ritmo deve estar articulado com o tamanho das colunas de textos. Colunas de textos mais estreitas e longas favorecem a leitura mais rápida e menos aprofundada, enquanto colunas mais largas podem ser adequadas para uma leitura mais reflexiva. As colunas de texto de jornais, por exemplo, tendem a ser mais estreitas do que os blocos de texto de livros. Mas a largura da linha para a leitura de um texto longo não pode ser muito grande. Essa medida deve estar de acordo com o espaçamento entre linhas. Se a coluna for mais larga o espaçamento deve ser maior, evitando que na leitura, ao passar de uma linha para outra se pule uma linha. Existem vários estudos sobre o tema visando não apenas aproveitamento de papel, mas ajustes para que o ato de ler seja confortável, favoreça a compreensão e dê vida às palavras do autor. Veja por exemplo algumas recomendações clássicas:

Qualquer comprimento de linha que contenha entre 45 e 75 caracteres é amplamente reconhecido como satisfatório para uma página de uma coluna composta em tipo e tamanho de texto. A linha de 66 caracteres – contando letras e espaços – é geralmente considerada ideal. Para trabalhos com múltiplas colunas, uma outra média, que varia de 40 a 50 caracteres, é melhor. Se o tipo for bem composto e bem impresso, pode-se usar linhas de 85 ou 90 caracteres para textos descontínuos, tais como bibliografias ou notas de rodapé – estas com entrelinha generosa -, sem nenhum problema. No entanto, mesmo com uma entrelinha altruísta, linhas com média maior do que 75 ou 80 caracteres ficarão provavelmente longas demais para uma leitura contínua. Um mínimo prático para textos justificados em inglês é a linha de 40 caracteres [em português, 48]. Bringhurst (2005, pg. 34)

As margens são úteis para a manipulação das páginas e para favorecer que o olhar se concentre no texto, separando-o do entorno do livro, que pode atrair a atenção. A escolha do tipo é fundamental. O texto cria uma textura na página que pode ser trabalhada de forma a diferenciar blocos de textos e criar uma paisagem interessante. Existem fontes elaboradas para leitura impressa, outras são adequadas para leitura em tela. Existem fontes que só servem para

títulos ou destaques, outras são feitas para uso em tamanhos muito pequenos. A escolha de uma fonte adequada exige conhecer as sutilezas do seu desenho e planejar adequadamente a configuração do texto. Existem muitos livros e artigos a respeito do tema e no Brasil as publicações sobre tipografia foram bastante intensificadas nos últimos anos. A imensa variedade de famílias tipográficas disponíveis torna essa escolha difícil, e muitos designers da área editorial preferem manter uma pequena variedade de tipos selecionados e utilizar sempre os mesmos.

Compreender o ato de leitura é importante. O design de um livro para uma leitura longa e densa é diferente do design de um jornal. As revistas, diferentemente, são feitas tanto para serem vistas como para serem lidas. Não abrimos uma revista na primeira página e lemos até o final. Geralmente damos uma olhada geral, lemos algumas partes e os destaques, voltamos para os conteúdos que nos interessam mais, depois voltamos para ler outras coisas.

O design de livros que busca referências na tradição tipográfica clássica pretende que o design destaque o conteúdo do texto e não a si mesmo, ou seja, qualquer elemento de design que chame a atenção prejudicaria a leitura. O livro é um objeto ubíquo, parece mesmo que não poderia ser de outra forma. É a tradição tipográfica que faz com que o design seja tão aparentemente comum que nem percebemos suas características. Mas essa é uma questão polêmica. Alguns autores defendem que o design seja “invisível”, que interfira o menos possível no texto, e para isso deve seguir as normas tipográficas mais convencionais. Outros designers de livros defendem um design que contribua para a mensagem, para criar uma atitude no texto. O debate é rico:

A verdadeira razão para a série de defeitos nos livros e em outros materiais impressos é a falta de tradição – ou a deliberada dispensa dela -, e o arrogante desprezo por toda e qualquer convenção. Se podemos ler satisfatoriamente qualquer coisa, é porque respeitamos o usual, o lugar comum. Saber ler implica obedecer às convenções, conhecê-las e respeitá-las. Tschichold apud Hendel (2005, pg 9)

Se temos de fazer o design de nossos livros, - nossas edições comerciais de hoje, numa base funcional - se o texto é apresentado para ser lido agora, este ano, temos de pôr de lado esses amores antigos. Nosso design é contemporâneo. Não pode deixar de sê-lo. Não se pode copiar e repetir com sucesso nem mesmo a mais bela tipografia de outra época - porque não se viveu naquela época. Dwigins apud Hendel (2005, pg 12)

Na tradução de um texto para Libras mudamos não apenas a língua, mas a forma de ler. Segundo Bringhurst (2006, pg. 31) a tipografia deveria prestar os seguintes serviços ao leitor: convidá-lo à leitura, revelar o teor e o significado do texto, tornar clara a estrutura e a ordem do texto, conectar o texto a outros elementos existentes e induzir o leitor a um estado de repouso energético, que é a condição ideal de leitura.

Buscamos, neste trabalho, pautar as definições projetuais no ato da leitura e traduzir, não apenas o conteúdo, mas a forma, com a preocupação de garantir o prazer de ler. Optamos por usar um *grid* de 2 colunas, que podem ser sobrepostas em alguns elementos com transparências. As margens são amplas e pretas evitando o cansaço pela luminosidade da tela e estimulando que o olhar se concentre na interpretação. A escolha do tipo pode ser comparada ao estilo da intérprete, que destacada de vermelho ganha identidade marcante.

A adaptação aos diferentes desejos e necessidades dos usuários é um processo permanente de comunicação, identificando sempre novas demandas e possibilidades de melhorias. O layout apresentado não é um modelo, mas buscou definir um processo de produção de material didático integrando o trabalho de tradução e de projeto visual que contribuiu para apontar os desafios dessa tarefa no curso em questão.

Bibliografia

HENDEL, Richard. O design do Livro. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

LUPTON, Elen. Pensar com Tipos. São Paulo: Cosac & Naify. 2006.

BRINGHURST, Robert. Elementos do estilo Tipográfico. São Paulo: Cosac & Naify. 2005.

LUPTON, Ellen; MILLER, Abbott. **Design escrita pesquisa:** a escrita no design gráfico. Tradução Mariana Bandarra. Porto alegre: Bookman. 2011.